

Multilingual Brazil: Language Resources, Identities and Ideologies in a Globalized World

Alana FRIES (UFRGS)
friesalana@gmail.com

Recebido em: 01 de maio de 2018.
Aceito em: 22 de abr. de 2019.

FRIES, Alana. Multilingual Brazil: Language Resources, Identities and Ideologies in a Globalized World. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 513-520, maio-ago/2019.

Resenha

CAVALCANTI, M. C.; MAHER, T. M. (orgs.). **Multilingual Brazil: Language Resources, Identities and Ideologies in a Globalized World**. Nova York: Routledge, 2018.

Palavras-chave: Multilinguismo. Brasil. Era global.

Keywords: Multilingualism. Brazil. Global era.

Organizado por Marilda Cavalcanti e Terezinha Maher, *Multilingual Brazil: Language Resources, Identities and Ideologies in a Globalized World* (2018) está entre os mais recentes lançamentos da série *Critical Studies in Multilingualism* da editora Routledge. Vinte e sete pesquisadoras e pesquisadores assinam os textos que compõem o volume, dedicado a apresentar ao público anglófono tendências e percursos investigativos contemporâneos no campo do multilinguismo no Brasil.

Não por acaso o subtítulo situa o Brasil multilíngue “em um mundo globalizado”: predomina nos relatos de pesquisa reunidos no volume o entendimento de que não mais é possível dar conta de fenômenos e práticas de linguagem no mundo social sem atenção a processos responsivos aos novos paradigmas políticos, sociais, econômicos e culturais da era global. Esse recorte não apenas traz à tona temáticas-chave como mobilidade, pós-nacionalismo, letramentos digitais, identidades híbridas etc., mas também demanda a adoção de uma “noção antiessencialista de língua”. Assim, se aceitarmos, conforme demonstrado nos estudos apresentados no livro, que o “multilinguismo não pode mais ser interpretado como a simples coexistência de um conjunto de línguas num espaço estático, harmonioso e homogêneo”¹ (p. 1), então está em xeque a própria noção de “língua” como uma entidade abstrata e estável cujas fronteiras podem ser delimitadas, bem como a possibilidade de se investigar questões de linguagem independentemente das práticas sociais que as fazem reais.

A obra está organizada em cinco seções temáticas compostas de dois ou três relatos de pesquisa. Cada seção contém uma introdução que localiza os assuntos dos relatos na discussão mais ampla que o livro propõe, bem como nas tendências teórico-metodológicas em pleno desenvolvimento nos campos de Antropologia da Linguagem, Linguística Aplicada e Sociolinguística ao redor do mundo.

O antropólogo e linguista mexicano Rainer Enrique Hamel apresenta a primeira seção do livro, *Politics, Language Ideologies and the Changing Shape of Language Policy Processes*. Coloca em perspectiva o Brasil e outras realidades latino-americanas e argumenta em favor da descolonização de ideologias que homogeneízam as experiências dos muitos povos indígenas da América Latina, atentando para as

¹ Esta e outras passagens da obra aqui apresentada aparecem no corpo do texto em tradução livre realizada para os fins desta resenha. Os trechos originais estão reproduzidos em notas de rodapé.

² *multilingualism can no longer be construed as the simple coexistence of a set of languages, in a static, harmonious and homogeneous locus.*

contradições e resistências provocadas pelo movimento de avanço em termos de legislação, políticas públicas e mobilização política dentro de um cenário neoliberal. A seção inclui três capítulos que, em geral, realizam um esforço de revisão e análise de políticas linguísticas e educacionais nacionais e das ideologias que as acompanham, enfocando grupos historicamente afetados pela ideologia de monolinguismo que predominou (ou predomina) no Brasil desde a colonização e propulsionou ações estratégicas voltadas para a erradicação de línguas.

A Constituição Federal de 1988 é retomada nos três textos da seção como ponto-chave da reorientação ideológica que vem permitindo a legitimação e a promoção de outras línguas que não o português. Em capítulo que aborda o contexto das línguas indígenas brasileiras, José Ribamar Bessa Freire recupera as ideologias de linguagem que orientaram políticas educacionais de Estado pré- e pós-1988, organizando-as em três estágios interdependentes: “monolinguismo civilizatório”, “bilinguismo civilizatório” e “bilinguismo como marcador identitário”³. No texto seguinte, Terezinha Maher revisita experiências de duas décadas em um programa de formação de professores indígenas no estado do Acre para pensar os efeitos de reorientações político-ideológicas que propiciam a promoção de iniciativas de revitalização linguística sobre professores cujos recursos comunicativos em suas línguas ancestrais são entendidos como “limitados”. No último texto da seção, Gilvan Müller de Oliveira aborda o contexto das línguas mantidas em comunidades de descendentes de imigrantes. Através dos casos do hunsriqueano e do pomerano, são discutidas as tensões criadas por ideologias nacionalistas que, na Europa, desprestigiavam essas línguas perante a variedade padrão alemã e, no Brasil, impediam que os grupos pudessem se identificar como brasileiros. A política de cooficialização municipal de línguas é apontada como uma possibilidade de reconfiguração da cidadania brasileira desvinculada do português.

Language-in-Education: A Dominant Monolingual Ideology in Tension with Multilingual Practices, a segunda seção do livro, reúne notícias de três contextos educacionais particulares. Conforme aponta Inês Signorini na introdução da seção, neles é possível perceber a emergência de “processos fundamentalmente antagônicos às dinâmicas hierárquicas das ideologias nacionalistas de linguagem e que estão em sinergia com outros fluxos transformadores.”⁴ (p. 73).

³ No original, *civilizing monolingualism, civilizing bilingualism e bilingualism as an identity marker*.

⁴ *processes that are fundamentally antagonistic to the hierarchical dynamics of nationalist ideologies of language and are synergistic with other transformative flows*.

No primeiro capítulo da seção, Ivani Silva e Wilma Favorito adotam o conceito de “repertório comunicativo”, que se distancia da visão de línguas como entidades fixas e independentes, para demonstrar que as interações entre pessoas surdas também ocorrem pela utilização de múltiplos recursos (multimodais e transidiomáticos) disponíveis em seus repertórios, recursos que não se limitam àqueles que são associados com Libras e português. A análise de discursos sobre a relação entre linguagem e identidade de professores surdos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines) permite perceber que o contexto de mobilização política pela educação bilíngue para surdos pode propiciar a reprodução de estruturas ideológicas semelhantes àquelas que favorecem o monolinguismo em português, muitas vezes criando uma relação essencializada entre a identidade surda e a utilização da Libras.

Os outros dois capítulos dessa seção abordam cenários educacionais transfronteiriços nos quais estão em pauta a fluidez de limites entre as nações e entre as línguas, a resistência do sistema de educação escolar como um todo em acolher repertórios linguísticos multilíngues, e a dominação do português como única língua legítima em espaços institucionais. No capítulo dedicado ao exame de iniciativas de pesquisa e intervenção do Observatório da Educação na Fronteira (OBEDF) em cinco escolas de cidades gêmeas localizadas no Arco Central da faixa de fronteira brasileira, Rosângela Morello explica como, partindo de um esforço de diagnóstico sociolinguístico que revelou uma diversidade muito maior do que as equipes das escolas pressupunham, professores participantes do projeto foram instigados a observar suas práticas de sala de aula e identificar meios de incorporar às práticas pedagógicas a multiplicidade de recursos linguísticos dos alunos. A seguir, Maria Elena Pires Santos, através do estudo de caso de uma estudante “brasiguai” na Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, utiliza dados etnográficos e textuais para refletir sobre como uma abordagem reducionista de competência linguística que invisibiliza os repertórios comunicativos complexos de pessoas em contextos transfronteiriços pode: reforçar o estigma do baixo desempenho acadêmico dos estudantes “brasiguaios”; contribuir para a manutenção da “crença na existência de um português brasileiro homogêneo e idealizado”⁵ (p. 115); e reproduzir a ideia de que aquilo que não condiz com a norma é mero “desvio”.

⁵ *belief in the existence of an idealized, homogeneous Brazilian Portuguese.*

Ao introduzir a terceira parte do volume, *Local/Global Trajectories*, Marilyn Martin-Jones elenca aspectos transversais às análises apresentadas na seção, que tratam de trajetórias de grupos oriundos de processos migratórios: o fato de que as relações com os espaços de origem são ativamente mantidas por diversos meios; a superdiversidade inerente aos grupos, formados por núcleos de diferentes origens sociogeográficas e gerações; o entrelaçamento dos recursos linguísticos das “línguas de herança” com o português; a diversificação das práticas de letramento que emergem nesses cenários e sua relação com o papel das novas tecnologias de informação e comunicação em contextos diaspóricos; e novas formas de utilização das “línguas de herança” como capital cultural. As análises têm também em comum uma abordagem que enquadra os repertórios comunicativos e as ideologias de linguagem dessas pessoas e grupos nas condições sócio-históricas que motivaram esses fluxos migratórios e que permanecem motivando-as a construir novos sentidos sobre suas práticas sociais de linguagem, especialmente num contexto pós-global e de mercantilização de repertórios linguísticos.

A trajetória dos nipo-brasileiros no estado de São Paulo é apresentada por Leiko Morales, Ayako Akamine e Maria Suzuki. Caracteriza-se por diferentes fluxos migratórios entre Japão e Brasil e por noções essencializadas da relação entre língua e identidade, reflexo de ideologias nacionalistas em operação tanto no Japão quanto no Brasil, mais ou menos acentuadamente, dependendo do momento histórico. Isso implicou flutuações nas configurações dessas identidades e distintos níveis de apropriação do português e do japonês como recursos socioeconômicos para as novas gerações. A respeito de uma comunidade de ascendência ucraniana no interior do estado do Paraná, Neiva Jung e Jakeline Semechechem apresentam um detalhado relatório etnográfico que descreve como as pessoas utilizam seus recursos linguísticos em práticas de letramento e em interações cotidianas para performar diferentes tipos de identidade ucraniana, e como o domínio da variedade escrita padrão do ucraniano tornou-se um recurso associado a melhores oportunidades profissionais e acadêmicas. Em seu relato de pesquisa etnográfica, Regina Coeli Machado e Silva enfoca as pessoas falantes de árabe em Foz do Iguaçu (PR), a heterogeneidade sociolinguística invisibilizada pela utilização, por parte da população local, do termo “os árabes” para referenciá-las e as diferentes configurações dos repertórios sociolinguísticos em uso na região. Destaca, ainda, a

influência dos letramentos digitais sobre as atitudes linguísticas da geração mais jovem, que, confrontada com as diferenças entre as suas práticas linguísticas e as de suas redes de relação nos países de origem, desenvolve novas ferramentas comunicativas e novas habilidades na língua de herança.

A seção intitulada *Representation/Performance of Diversities* reúne dois textos centrados em fenômenos e discussões teórico-conceituais da modernidade recente. Ao introduzir a seção, Lynn Mario Menezes de Souza mobiliza o aporte do pós-colonialismo e chama a atenção para a persistência de traços colonialistas nas epistemologias utilizadas no estudo da linguagem, fazendo assim um convite à reavaliação crítica dos “multis” em termos como multilinguismo e multiculturalismo.

Em um dos capítulos, Luiz Paulo da Moita Lopes utiliza a letra de *Mbohapy Fronteira*, música de Payé, um grupo de hip-hop da cidade argentina de Posadas, localizada na Tríplice Fronteira, como exemplo da necessidade de se superar uma ideologia modernista e estruturalista de “língua” e de se avançar no sentido de uma ideologia linguística transidiomática, necessária às sociedades contemporâneas fluidas, híbridas e globalizadas. Embora parta de dados discursivos reais e faça uma cuidadosa reflexão teórica transdisciplinar sobre a realidade da Tríplice Fronteira e do potencial contra-hegemônico dos repertórios linguísticos típicos de uma região como essa, o autor parece fazer asserções sobre as intenções dos agentes do texto sem conhecimento empírico de causa. Isto é, sem a realização de trabalho de campo — o que permitiria asserções baseadas nas perspectivas êmicas daqueles que produzem e recebem o texto em pauta —, caracterizando uma notória exceção dentro do conjunto de investigações apresentadas no volume.

Na mesma seção, Roxane Rojo e Eduardo Almeida relatam uma investigação etnográfica que enfoca práticas de linguagem de membros de uma comunidade online dedicada à cultura otaku e à produção e ao consumo de Anime Music Videos (AMV). Partindo do entendimento de que esses vídeos são materializações de práticas de letramentos multilíngues e de fluxos culturais transnacionais, os autores buscaram compreender como a predominância do inglês como língua global de comunicação é reproduzida ou contestada através das práticas comunicativas dos atores dessa rede. A discussão é informada pela análise de dois AMV e por entrevista semiestruturada conduzida via Skype com seu produtor; e também pela observação de interações multilíngues em um fórum de discussão de produtores de AMV. O capítulo faz relevante contribuição

para a reflexão acerca da criação de ferramentas metodológicas que deem conta de tratar de práticas comunicativas multilíngues e multimodais típicas de ambientes virtuais.

A quinta e última parte do livro, *Internationalization and New Diversities in Higher Education: Policies and Practices ‘On the Ground’*, enfoca ações que materializam políticas de internacionalização da educação superior e de cooperação entre países do Sul Global. Margarete Schlatter e Pedro Garcez demonstram como o desenvolvimento dessas políticas e a transformação do português num recurso linguístico transnacional — especialmente num momento em que “línguas são vistas como ‘comódites’ e multilinguismo significa ‘valor agregado’”⁶ (p. 212) — geram novas demandas de ensino de português como língua adicional e de formação de profissionais especializados para supri-las, apresentando o caso de um programa desenvolvido para esses fins. Refletem também, a partir de suas atuações num programa de formação de professores de educação básica envolvendo cinco países do continente africano que têm o português como língua oficial, sobre o risco de se incorrer na reprodução de modelos (neo)colonizantes, mesmo numa situação de cooperação entre países do Sul Global, e apresentam como a abordagem etnográfica na formação de professores pode amenizá-lo e possibilitar que múltiplas perspectivas sejam privilegiadas. Já Ana Cecília Bizon e Marilda Cavalcanti compartilham reflexões sobre o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), iniciativa dos ministérios da Educação e das Relações Exteriores, em uma universidade pública através de narrativas de experiências de dois estudantes congolezes que não conseguiram completar suas formações. As autoras salientam algumas consequências da implementação pouco coordenada das políticas de internacionalização e cooperação em universidades brasileiras e pautam os desafios inerentes à construção de um projeto de cooperação baseado no reconhecimento de “outras vozes, além das que já são amplamente ouvidas e legitimadas como centrais”⁷ (p. 238).

As discussões apresentadas na seção colocam em pauta a necessidade de que a produção de conhecimento acadêmico responda a questionamentos e problemas que emergem de práticas sociais de linguagem e de que esteja aliada a uma postura reflexiva por parte dos pesquisadores. Complementam, assim, a avaliação de Feliciano Chimbutane, linguista moçambicano que introduz a seção, de que é

⁶ *languages are seen as ‘commodities’ and multilingualism means ‘added value’.*

⁷ *other voices, beyond the ones already widely heard and legitimized as central.*

indispensável que essas políticas estabeleçam “mecanismos que garantam a inclusão, o suporte linguístico, o respeito aos conhecimentos prévios e às culturas dos estudantes, e a aceitação de outras visões de mundo não ocidentais.”⁸ (p. 210).

Em menos de trezentas páginas, *Multilingual Brazil* reúne relatos centrados na paisagem multilinguística brasileira com detalhes suficientes para que uma leitura atenta permita a avaliação da validade das investigações e dos resultados apresentados sem, contudo, esgotar as possibilidades de discussão e análise. O predomínio de abordagens qualitativas e em sua maioria etnográficas demonstra o compromisso das pesquisadoras e dos pesquisadores com a pesquisa empírica e situada, motivada por situações reais e voltada para a compreensão de problemas sociais que têm a linguagem como centro. A transdisciplinaridade também figura como uma valiosa ferramenta de investigação, especialmente, conforme salienta Martin-Jones, “nos novos tempos em que vivemos, no contexto de globalização, conectividade transnacional e de mobilidades do século XXI.”⁹ (p. 127).

Numa tradição em que o Brasil, e a América Latina como um todo, são vistos como um atraente campo de investigação sociolinguística, mas costumeiramente exotizados e apresentados ao restante do mundo por filtros neocoloniais, pode-se considerar o lançamento de *Multilingual Brazil* como um espaço de protagonismo da pesquisa brasileira e de seus interlocutores. Ao encontrar espaço numa série de publicações de uma editora multinacional dedicada a pesquisas de escopo e relevância globais, pesquisadores(as) brasileiros(as) demonstram estar em compasso com as mais recentes e relevantes discussões e desenvolvimentos teórico-metodológicos no panorama acadêmico mundial. Além disso, considerando que o multilinguismo como campo de estudo tem recebido cada vez mais atenção, a multiplicidade de contextos e abordagens de investigação contidos no volume informa não apenas ao público leitor anglófono que desconhece a pesquisa do país, mas também a pesquisadores(as) brasileiros(as) da área de estudos da linguagem que ainda não estão dialogando com essas novas tendências.

⁸ mechanisms that ensure inclusion, provision of language support, respect for students' cultures and prior knowledge, and acceptance of other, non-Western, worldviews.

⁹ in the new times in which we live, in the context of globalization, transnational connectedness and 21st century mobilities.